



Newton Aguiar

Aureliano é candidato de consenso, segundo Maciel

PFL confirma Aureliano para a Presidência

2.1 NOV 1987 *ave p 9*
ESTADO DE SÃO PAULO

O presidente do Partido da Frente Liberal (PFL), senador Marco Maciel, disse ontem que o ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, é o candidato consensual do partido mesmo antes da convenção. Maciel e Aureliano estiveram em São Paulo em visita ao multipresidente da Constituinte, do PMDB e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, que convalesce da angioplastia a que se submeteu no Incor. O governador pernambucano Miguel Arraes também visitou Ulysses em sua casa, nos Jardins, além do ministro Prisco Viana e do presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB/PB).

Para Marco Maciel, a Constituinte tem que ser resultado consensual de todos os setores, não vitória de um grupo sobre o outro. A tendência no plenário é a de confirmar a decisão da Comissão de Sistematização, observou, mas ressaltando que haverá mudança em plenário quanto à questão da forma de governo. "Como pessoalmente sou presidencialista, e essa é a posição do ministro Aureliano Chaves, vou conversar com outros partidos. Pelo que sei, está crescendo a tendência pelo voto do sistema presidencialista."

A mudança em plenário para a aprovação do presidencialismo foi outro motivo que levou o senador Marco Maciel à casa de Ulysses Guimarães: "Agora vamos preparar tudo para definirmos nosso candidato e lançarmos a nossa campanha. A candidatura passa pela questão do sistema de governo, porque jamais teríamos um candidato meramente nominal, só para ser um chefe de Estado. Nosso candidato consensual, e mais do que isso, um nome que mereça respeito e estima nacional, é o ministro Aureliano Chaves".

Aureliano disse que o objetivo da visita era meramente uma cortesia com um homem que tem notória vida em favor do povo: "Não teve nenhuma conotação de se reativar a Aliança Democrática, viemos apenas visitar um homem que tem se dedicado ao País".

Prisco Viana, ministro da Habitação e Desenvolvimento Urbano, também visitou o multipresidente em sua casa. Quanto às possíveis al-

terações nos trabalhos da Comissão de Sistematização, Prisco disse não ser algo do alcance de Ulysses, porque depende dos partidos, dos grupos e dos pactos que se vão fazendo. "A tendência que verifico em Brasília é pela votação em plenário pelo presidencialismo" — revelou.

O presidente do Senado, Humberto Lucena, não quis se manifestar nem antes nem depois da visita a Ulysses. O assessor do multipresidente, Miguel Reale Júnior, que também o visitou, disse que há um substitutivo apresentado pela Mesa que deverá ser examinado na segunda-feira, que acolhe três emendas para cada constituinte.

O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que lançou na última reunião de governadores o nome do paulista Orestes Quércia como candidato à Presidência da República e, segundo algumas versões, seria o candidato a vice, também esteve na casa de Ulysses Guimarães. Antes, almoçou na casa do ex-ministro Dilson Funaro.

A indicação de Paulo Souto, do esquema de Antonio Carlos Magalhães, para a superintendência da Sudene, seria uma derrota de Arraes? "Não o conheço, aliás, ele não é da Bahia?" Ontem à noite Arraes ainda jantaria com o governador Orestes Quércia no Palácio dos Bandeirantes. Hoje estaria no Rio com o governador Moreira Franco, e para esse almoço estão convidados o governador Waldir Pires, da Bahia, Orestes Quércia e o senador José Richa (PMDB/PR).

Arraes acha que não é hora de tratar da questão dos candidatos à presidência pelo PMDB. Discordou das opiniões de que o PMDB estaria desgastado com a crise por que passa o País. Declarou ser favorável ao sistema presidencialista, que espera passar no plenário, "porque, como o Brasil é muito grande temos que ter um poder central". Quanto às retaliações que o presidente José Sarney tem feito contra os que votaram pelos quatro anos de mandato, o governador Arraes disse: "Retaliação não tem a profundidade das grandes causas, e acredito que o presidente Sarney não vá se apequenar nisso".

Lucena quer pacto para resolver crise

A crise política brasileira decorre da crise econômica. Assim, a única saída para o País é fazer um "grande acordo nacional, sem nenhum compromisso de alguém abdicar de sua posição de governo e oposição". A tese é do presidente do Congresso Nacional, senador Humberto Lucena (PMDB-PB), que se baseia no que foi feito na Espanha, com o Pacto de Moncloa. Isso porque, "se não resolvermos o problema da economia, poderemos abrir o caminho para uma nova crise institucional, que leve a sepultar o poder civil mais uma vez no Brasil".

Lucena encontrou-se ontem, em São Paulo, com o multipresidente Ulysses Guimarães e depois almoçou com o governador Orestes Quércia, no Palácio dos Bandeirantes. Para o senador paraibano, a questão da duração do mandato do presidente Sarney não provocou crise política alguma no País. Por esse motivo ele continua defendendo o mandato de cinco anos para Sarney e, apesar de partidário do parlamentarismo, fará o possível para que em plenário seja aprovado o sistema presidencialista de governo. "Acho que essa tendência indole parlamentarista que está aí é um pouco artificial. Se se fizer um perfil dos que se dizem adeptos do parlamentarismo, vamos encontrar apenas 50% de pessoas convictas. Os demais estão nisso por conjuntura nacional ou estadual e, portanto, são pessoas que poderão evoluir para o presidencialismo."

O pacto imaginado por Lucena seria assim, segundo ele mesmo: "Cada partido, independentemente de ideologia, de tamanho, traria seu projeto para o Brasil. Depois que os políticos se entendessem sobre esses projetos, iríamos entrar em debate em torno deles, com os demais argumentos da sociedade, e estaríamos traçando um roteiro para tirar o Brasil da crise".

Já na Sudene o amigo do ministro

AGÊNCIA ESTADO

Após mais de quatro meses sem titular efetivo, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) passou a ser ocupada, ontem, por Paulo Ganen Souto, um liberal ligado ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães.

Ganen Souto é um geólogo de 44 anos que já ocupou a Secretaria de Minas e Energia nos governos de Antônio Carlos Magalhães e João Durval, na Bahia, e foi nomeado para atender as lideranças liberais que continuaram afinadas com o presidente Sarney depois da ruptura da Aliança Democrática. Em seu primeiro pronunciamento em Brasília, como titular da Sudene, Ganen Souto afirmou que espera ter "convivência civilizada com os governadores do PMDB", que representam nove dos dez estados onde a Sudene atua.

Ele negou-se a comentar a ameaça do governador Waldir Pires, da Bahia, de romper com o governo federal caso sua indicação fosse confirmada, preferindo falar de seus planos para a Sudene que, segundo ele, intervirá na área da seca para aproveitar os recursos hídricos da região.

Em Recife, o vice-governador Carlos Wilson Campos manifestou-se confiante em que o novo superintendente da Sudene promoverá o fortalecimento do órgão. "Não importa a pessoa do dirigente da Sudene, o que importa é o fortalecimento da entidade", disse ele, lembrando que, ao ser convidado por Sarney para o cargo (convite não confirmado depois), o presidente garantiu que daria condições para que a Sudene possa, realmente, promover o desenvolvimento do Nordeste.